

Ministros defendem o crescimento

por Getúlio Bittencourt
de Washington

O encontro de doze ministros da Fazenda das Américas ontem pela manhã em Washington produziu uma nota oficial curta (34 linhas) mas densa (cerca de 400 palavras). Nela os conceitos mais insistentes são crescimento econômico, mencionado seis vezes, e a Iniciativa para as Américas do presidente George Bush, mencionada quatro vezes.

O ministro da Economia, Márcilio Marques Moreira, trouxe consigo cópia do documento para a entrevista coletiva que concedeu na sede da embaixada do Brasil ontem à tarde. Ele e seus colegas da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, EUA, Jamaica, México, Uruguai e Venezuela definiram "uma nova parceria" no hemisfério americano baseada em quatro princípios.

São eles: o interesse mútuo dos países do hemisfério em fortalecer suas economias e o regime democrático; a importância de uma recuperação econômi-

ca sustentada e da ampliação dos benefícios do crescimento para toda a sociedade; o "papel crucial" desempenhado pelo livre comércio e mercados financeiros fortalecidos; e a significação a longo prazo da "Iniciativa para as Américas".

Márcilio afirmou que nesse encontro ficou claro que para a América Latina "é uma página virada" o período recente de funcionamento de autarquias econômicas, com desenvolvimento impulsionado pelo Estado e tendo a substituição de importações como dogma, sob financiamento dos impostos inflacionários e do endividamento externo.

Segue-se um resumo das perguntas e respostas de sua entrevista coletiva, conforme anotadas por este jornal:

Pergunta — O senhor pode nos informar sobre a reunião de hoje com os outros onze ministros das Américas?

Márcilio Marques Moreira: Eu ressaltei na conferência como foi oportuna a Iniciativa para as Américas, lançada pelo presiden-

te Bush no começo de 1990. A América Latina então colhia os primeiros resultados de seus esforços de ajuste, e o mundo estava agitado com a queda do Muro de Berlim, a mudança do sistema econômico, jurídico e político da Europa Oriental e o desmantelamento da União Soviética. A América Latina encontrou nos EUA um parceiro não exclusivo, mas próximo, e disposto a ajudar nessa transição.

BANCOS

Pergunta — Como foram suas conversas com os bancos em Nova York?

Márcilio: Estive na segunda-feira em Nova York, onde recebi para conversas representantes de vários bancos, a visita do comitê assessor de bancos e de um representante do Federal Reserve Bank (Fed, o Banco Central dos EUA).

Além disso, falei para uma platéia de industriais e as conversas com os bancos comerciais sobre a renegociação da dívida externa estão avançando bastante. Os grandes assuntos, como o desembolso inicial para o colateral de US\$ 3,2 bilhões, o cronograma de desembolso do colateral restante (phase in) por dois anos, assuntos complexos, já estão resolvidos. Agora restam detalhes de caráter financeiro que não são tão difíceis, e nas próximas semanas ou mesmo dias deveremos chegar a um acordo.

Pergunta — Os ministros decidiram pedir menos corrupção na América Latina. O que isso tem a ver com o que acontece no Brasil?

Márcilio — Essa afirmação se refere ao hemisfério como um todo, inclusive aos EUA. Reflete a preocupação dos ministros da Economia em relação à go-

vernabilidade, à fluidez das decisões entre o Poder Executivo, o Poder Legislativo e o Poder Judiciário. Isso para que as reformas exigidas não pelo Executivo, mas pelos tempos em que vivemos, sejam aprovadas. As conversas que tive aqui e na Venezuela mostram que é importante que o sistema político evite procrastinações. O tempo urge, e não podemos nos dar ao luxo de retardar a reforma fiscal, dos portos, das concessões do serviço público e a lei de propriedade industrial, entre outras.

LAS LENAS

Pergunta — O senhor pode nos adiantar o que fará na Argentina?

Márcilio — No encontro de Las Lenas os ministros vão subsidiar os presidentes, preparando um cronograma para mostrar que é possível a zona de livre comércio entre os países do Mercado Comum do Sul (Mercosul) até o final de 1994, com a redução das alíquotas, que já é de 50% e mais recentemente saltou para até 60%. Nossas exportações para o grupo mais do que dobraram no ano passado. É importante também, crucial, conscientizar o empresário agrícola para isso, não só para que se prepare para a competição, mas para que aproveite as oportunidades.

Pergunta — existe algum resultado concreto no Mercosul até agora?

Márcilio — De janeiro a maio deste ano nossas exportações para a Argentina saltaram para US\$ 1 bilhão, vindo de US\$ 380 milhões em 1991. A Argentina já é nosso terceiro parceiro comercial, e suas exportações para o Brasil também estão aumentando. O Brasil já é o primeiro parceiro comercial da Argentina, do Uruguai e do Paraguai.